

Ovelhas: Na Medida Certa Para Pequenos Espaços  
Por Jacira Collaço

Comparado ao cenário do agronegócio brasileiro, o estado do Rio de Janeiro ocupa uma posição tímida em termos de produção. Mas isto não impediu que empreendedores como Luis César Fernandes, proprietário da Fazenda Marambaia, investissem para produzir com qualidade: o resultado tem sido reconhecimento e lucratividade.

Há cerca de 15 anos, Luis César Fernandes adquiriu uma propriedade de menos de 100ha em Petrópolis, na região montanhosa do estado, ainda sem definição de que negócio implantaria. A ovinocultura surgiu como opção para um espaço limitado, mas somente há seis anos foi realmente implantada comercialmente. Na época, não havia muitas matrizes comercializáveis e a incidência de febre aftosa era alta, impedindo o trânsito de animais. Por isso a produção era insuficiente até para manter o número de animais adequado ao porte da Fazenda. Para reverter a situação, Luis César criou um centro de quarentena para receber animais comprados no Nordeste. Quando examinados e liberados, começaram a ser vendidos sob o nome de “Seleção Marambaia”, que logo chegou à média de 1500 animais por ano.

A Lavoura - Qual a raça que o sr. cria? Ou raças?

Santa Inês. Ela não possui lã, melhorando o aspecto do couro por não apresentar os poros, e ainda o valoriza quase ao patamar da carne. Já no sabor da carne não há o ranço típico vindo da lanolina.

A Lavoura - Como o sr. encontrou sua brecha para entrar no mercado?

Leilões, exposições e com nosso site na Internet. Quando consigo vender um carneiro a R\$ 270 mil o destaque é imediato.

A Lavoura - Então o principal foco da Fazenda é a venda de matrizes?

Não, ultimamente me vejo com duas possibilidades: vender fêmeas receptoras de embriões, onde existe pouca oferta, ou ficar apenas com animais P.O. (puro de origem).

A Lavoura - O investimento em tecnologia tem que ser pensado antes da instalação do negócio ou é uma consequência para melhorar?

O investimento em tecnologia para ovinos é zero! Recentemente é que marcas para inseminação vêm sendo divulgadas, troncos aprimorados, etc. Acredito que com o crescimento as coisas melhorem, pois hoje temos uns três ou quatro técnicos de inseminação para o Brasil todo, pois o rebanho ainda é pequeno. Nas próprias universidades há poucas cadeiras para o estudo de ovinos.

A Lavoura - Quando a produção começa a ser viável economicamente?

Manter um bom pasto ajuda muito, mas os ovinos são interessantes para o pequeno, médio ou grande produtor pela sua rentabilidade frente ao bovino.

A Lavoura - Qual o peso dos animais postos à venda?

Após oito ou 10 meses, as matrizes para venda atingem uma média de 60 quilos, o que é o mínimo para se obter bons resultados numa exposição, por exemplo. Na Fazenda fiz um trabalho de seleção e tenho 1/3 das matrizes por volta de 90 kg.

A Lavoura - Como o sr. chegou a esta marca?

Tenho quatro tipos de pasto, que são rotacionados, mas de acordo com o local na propriedade: tifton, pangola, braquiário e tangola, este último chegando a 18% de proteína. Junto a

isto disponibilizo sempre o sal e um pouco de rejeito de cevada de uma cervejaria próxima. A diferença é que no terço final da gestação faço também suplementação, mas controlada para não provocar toxemia. Perdi várias fêmeas por excesso de alimentação.

A Lavoura - Além da rotação, quais os cuidados com o pasto?

No meu caso, como adquirei o local há 15 anos, já está em tempo de readubar os pastos mais a fundo. Quimicamente, faço isso a cada ano, e a cada cinco anos coloco cama de frango para aumentar a digestibilidade.

A Lavoura - Quais os animais destinados ao descarte na sua produção?

Os machos, que, de cada 1000, um é aproveitado para reprodução, e fêmeas a partir de seis anos.

A Lavoura - Como é o processo de aprimoramento genético que o sr. realiza?

Intuitivo, principalmente, aproveitando as boas características de cada animal.

A Lavoura - O sr. acredita que a sua atividade estimulou outros produtores da região a se voltarem para os ovinos?

Sim, na área já deve haver uns 50 produtores, todos de Santa Inês. A topografia acidentada até facilita, pois se é inviável para os bovinos, 95% do pasto é aproveitado pelos ovinos.

A Lavoura - Pessoas despreparadas atrapalham o mercado?

Eu acho que não, pois o comprador percebe a má qualidade do produto. Isso aconteceu até comigo, quando comecei a ter prejuízos por não ficar à frente da Fazenda por um ano.

A Lavoura - Então qual a formação ideal para o proprietário?

No caso dos empregados, quem tiver experiência com leite, que costuma conhecer cada animal. O ovino é muito rotineiro, gosta de horários e delicadeza de tratamento, diferente da forma mais dura de quem trata com gado de corte.

A Lavoura - Com o Rio de Janeiro sem expressão agropecuária no país, quais foram as dificuldades que o sr. enfrentou?

Muitas, pois nem veterinário eu achava. Foram descobertas constantes desde a criação do animal à venda. Hoje, pelo menos, se eu tivesse seis mil matrizes para vender, elas seriam compradas, assim como os animais de descarte. Por exemplo, já tenho compradores até de Roraima.

A Lavoura - O sr. vê algum aumento de produção no estado do RJ?

Não exatamente. Observo que a maioria dos meus compradores está procurando aumentar seus rebanhos, apenas 10% têm condições de vender carne. Aqui não temos frigoríficos especializados, mas em São Paulo já existem três, e Bahia, Rio Grande do Norte e Pernambuco contam com um cada. O abate encarece, mas os preços ainda estão atrativos, por volta de 30% a mais que o quilo de carne bovina. E, para comparar, com o custo de produção de um quilo bovino se produz cinco quilos de carne ovina. Acho isto muito interessante para o pequeno e médio produtor.

A Lavoura - Quais são os principais problemas ou particularidades da criação ovina?

Um deles seria a sazonalidade, mas neste local eu consigo manter uma produção constante ao longo do ano, sem recorrer à indução de cio. Só que tenho uma infraestrutura preparada, separando 1/8 do rebanho para a monta natural e deslocando os animais para os piquetes adequados a cada situação.

Quando comecei, me disseram que eu era louco, trazendo animais do sertão nordestino da raça Santa Inês para ficar no frio da serra; o fato é que não tive problemas com temperatura, apenas

com a umidade relativa, que afeta os animais causando pododermatites. Mesmo assim, é possível algum controle sobre elas com o uso de abrigos suspensos.

Quanto ao pasto, existe o inconveniente da necessidade de limpar o pasto das fezes, algo que não é necessário com os bovinos. E sempre há os parasitas, como carrapatos e moscas, mas consegui controlar as últimas com borrifos de andiroba e álcool sobre os animais.

A Lavoura - Já existe um movimento para exportação?

Sim, tive pedidos de 100, 50 mil cabeças, mas não tenho produção para suprir. Nestes números só a Nova Zelândia, que tem o maior rebanho do mundo.

A Lavoura - Um estímulo do governo para a produção ovina seria bem-vindo?

É claro, algo como uma zona específica para ovinos ou caprinos, com pesquisas em topografia e aproveitamento racional da água.

A Lavoura - Comente algum desafio enfrentado pela Fazenda.

Um desafio constante é manter os melhores reprodutores e matrizes. Dos primeiros, a cada 100 eu consigo um médio. Temos que trabalhar muito para diminuir essa distância.

A Lavoura - Como o sr. vê o Brasil no mercado internacional de carnes?

Acho que o país caminha inexoravelmente para ser o primeiro na produção de proteína animal. Com relação aos ovinos, a estimativa, só de consumo interno, é de 110 milhões de cabeças, enquanto temos um rebanho de 30 milhões! Mas para a produção aumentar precisamos trabalhar a mudança de hábitos alimentares, preconceitos sobre a carne ovina e melhoria das condições de abate.